

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 23 de fevereiro de 2011

*Texto de referência: L. Giussani, O Senso Religioso, Ed. Universa, p.19-30
(Cap. 1, primeira premissa: realismo)*

- *Liberazione n. 2*
- *You*

Carrón: Comecemos nosso percurso. Quero retomar o texto “*Bom caminho*”, que vocês viram no site (<http://clonlinebr.blogspot.com/>), a saudação que Dom Giussani enviou em 1998 aos universitários da Católica, que começavam o trabalho sobre *O Senso religioso*: “Não quero forçar ninguém a se convencer, mas não quero que alguém renegue o que digo sem ter ao menos lido as razões que digo”. E, depois, nos dá orientações sobre o método, decisivas para nosso percurso, observações que devemos ter sempre presentes no decorrer do caminho. “Não se entende a não ser verificando as ideias e os valores na própria experiência pessoal”. Quer dizer: não é possível entender refletindo, mas verificando ideias e valores através da experiência pessoal. Senão, falamos daquilo que ouvimos dizer, a ideologia se espalha, e isso não nos fará entender, mesmo que repitamos coisas justas. “Esta experiência pode consistir também simplesmente no choque, no particular sentimento que se surpreende em si mesmos ou na história de um povo ou do mundo. A experiência diz coisas que demonstram a sua verdade [por isso, sem experiência a verdade não se mostra, não se demonstra, porque a realidade se torna transparente na experiência, a realidade se torna manifesta na experiência]. Para mim, é a experiência [mais uma vez: é a quarta vez que ele usa a palavra experiência] que ensina todo o valor de ideias e de coisas, permanecendo no tempo de maneira persuasiva ou até duvidosa”. Por isso, a preocupação de Dom Giussani quando um grupo do CLU começa a fazer esse trabalho, é sublinhar uma coisa: a experiência. Por quê? Porque é a experiência que demonstra a verdade das coisas. A realidade se faz transparente na experiência. Por isso, é decisiva como método. Como esse é o ponto central do primeiro capítulo, não devemos deixar de retomá-lo constantemente: “Nesta ocasião que vocês me deram, façam-lhes os votos de uma sinceridade [quando a pessoa faz a experiência, a questão é essa sinceridade, isto é, submeter a razão à experiência, àquilo que ela pensava antes da experiência que fez, senão, não aprende nada], de uma franqueza em tudo e de um amor à verdade que seja também partilhado. A minha vida conheceu a letícia [essa é a promessa que nos interessa!] sob essas condições”. A promessa é a letícia, a alegria da vida. Por isso, se insistimos com nossas indagações, além de perder tempo, perdemos a letícia. Dissemos que o trabalho proposto se resumia em duas perguntas: quando fizeram experiência e quando surpreenderam essa libertação através de um juízo (porque julgar é o início da libertação)? Começo lendo o testemunho de uma pessoa que me escreveu contando a experiência que fazia com Dom Giussani. “Faço parte de uma geração em que mais do que a ligação entre juízo e libertação vivia o afã do juízo, isto é, um tipo de obstinação em aplicar a doutrina católica. Julgar era defender as ideias que tínhamos recebido do cristianismo para colocá-las na realidade, era angustiante. E, depois, quanto nervosismo porque as coisas não coincidiam [não é que nós não corramos esse risco]... Não foi esse o juízo que eu aprendi com Dom Giussani quando estudei na Católica, onde não havia nada de forçado, era a realidade que se impunha. Dom Gius me comovia pela maneira com que acompanhava as perguntas, as questões que emergiam, as objeções, e com uma liberdade impressionante era tenso a que as coisas se mostrassem por aquilo que eram, pela ligação que tinham conosco. Assim, encontrei uma maneira de julgar que tinha seu fulcro na realidade. O juízo era o impacto com as coisas, que libertava o meu eu. Depois eu traí esse método, eu o traí, e o juízo tornou-se a minha defesa da realidade. Uma defesa obstinada, nervosa, fria. Foi a própria realidade que revelou a minha

prisão, embora dolorosamente. Um novo caminho que me remete à origem abriu-se para mim, e agora você está insistindo sobre essa ligação entre juízo e libertação: é um desafio que me interessa porque percebo que, enquanto antes estava em jogo a minha necessidade de defender uma ideia, hoje sou eu que estou em jogo, a minha humanidade, a minha intensa mendicância d'Ele". Por isso, vamos começar com uma pergunta que chegou por e-mail: "Gostaria entender um pouco o que quer dizer entrar na realidade arriscando um juízo e julgar aquilo que acontece a partir da hipótese da fé, não para conseguir ser eficiente ou dizer a frase certa diante das coisas [como dizia o e-mail anterior], mas para que eu possa crescer e não perder nada, e o juízo seja a surpresa e a possibilidade de poder conhecê-Lo. Só o reconhecimento d'Ele em ação pode me libertar". Esse amigo introduz uma questão que agora deveria ser mais fácil de julgar. Por que deve ser mais fácil julgar, chegar a um juízo e experimentar a libertação? Porque quanto mais o eu é despertado, mais fácil é fazer a comparação com aquilo que tenho diante de mim. E se o que encontro é Ele, a presença de Cristo, torna-se ainda mais fácil porque, sendo mais excepcional, é mais fácil reconhecê-Lo! Então, relendo esse capítulo a partir da fé, deveria ser ainda mais fácil para todos julgar, e são dois os motivos. Cada um pode ver em que medida, durante esses quinze dias, teve a impressão dessa maior facilidade por causa do percurso feito nesses anos, porque quanto mais o eu é despertado diante da Sua presença imponente, tanto mais deveria ser fácil, por Sua excepcionalidade única. Para começar a responder, leio um e-mail que fala sobre essa experiência: "Vou tentar responder às perguntas que você colocou na última Escola de Comunidade, contando um fato e tentando dizer o que aprendi de novo. Há algumas semanas, vi-me em uma situação incômoda, aquele incômodo que experimentamos quando descobrimos, ou redescobrimos, que somos pobres coitados. Normalmente sinto-me desanimado quando me deparo com um limite meu que já conheço e digo a mim mesmo: 'Ele sempre está aí, nunca aprendo'. Muitas vezes tenho a presunção de pensar que se não tivesse aquela fraqueza, no fundo tudo seria mais fácil, a minha adesão seria mais pronta, e me vejo pedindo, como São Paulo: 'Arranca esse espinho das minhas costas, porque se não o tivesse seria mais teu'. Nada mais parcial. Então, fui me confessar. Depois de contar ao padre os meus pecados, ele me olhou e disse: 'De qualquer modo, o sinal maior de que Cristo está presente é que você continua desejando o bem. Se Ele não existisse, você se tornaria cínico, mas, com Ele, você pode se levantar novamente e desejar continuamente aquilo que ainda não possui. O que faz os cristãos diferentes dos outros não é uma maior capacidade ética, mas a contínua tensão ao bem, porque só é possível porque Ele está presente'. Esse juízo me libertou, não só porque me aliviou psicologicamente da tristeza pela minha falta, mas porque me levou a considerar os fatores da minha experiência que, na neblina, eu não sabia e não queria ver. No fundo, me levou a ser eu mesmo. Mas a coisa interessante veio depois. Imerso novamente na batalha cotidiana, me deparei com uma situação parecida com a que descrevi antes. Você cai e, depois, se vê dizendo: 'Nunca vou mudar'. Porém, exatamente nessa situação lembrei-me daquele juízo e da maneira com a qual fui olhado na semana anterior. Então, me vi diante de um dilema: ou decidir me deixar dominar pela reação e pela desilusão da minha pobreza, ou me recolocar diante daquilo que tinha me acontecido e que tinha ouvido naquele momento, através do sinal daquele padre [isso significa entrar na realidade com a hipótese da experiência que ele fez]. Assim, aflorou a pergunta de Santo Anselmo que sempre repito e que há algum tempo tornou-se minha: 'Faze Tu, ó Cristo, aquilo que o meu coração não pode. Tu, que me fazes pedir, concede'. A atenção do olhar foi transferida de mim mesmo para um Outro, e encontrei, dentro da batalha, dentro da desilusão, dentro da tristeza, um fio de letícia. Agora, me parece ter entendido duas coisas: Primeiro: o que gera a libertação na experiência é o acontecer de um fato externo, objetivo, imprevisível, imprevisto, que introduz uma maneira verdadeira de olhar para si e para a realidade, segundo a própria natureza [o que demonstra que o contrário não é segundo a natureza, é o incômodo, o amargo que deixa, isto é, não me liberta]. Segundo: esse acontecimento de libertação pode incidir cada vez mais no centro do meu eu, na maneira de conceber e de tratar a realidade na medida em que acontece a passagem de uma adesão por

tradição para uma adesão por convicção. Não basta dizer: ‘Bonito, verdadeiro’, diante daquilo que acontece. O que aconteceu comigo foi que o juízo daquele padre tornou-se meu quando eu o brandi na circunstância em que me encontrava e tentei ver se era capaz de responder à dificuldade que eu experimentava. Foi aí que experimentei que julgar é o início da libertação, daquela ascese de que Dom Giussani fala na primeira premissa”. Esse é um exemplo de como qualquer um pode entrar na realidade, pode fazer a experiência de libertação que acontece simultaneamente. O juízo, o olhar de Jesus para Zaqueu (ou desse padre para nosso amigo), é um juízo que introduz uma libertação, tanto é verdade que Zaqueu o recebeu cheio de letícia. Não é preciso fazer não sei o quê, foi um juízo que correspondia de tal forma à sua exigência que ele experimentou a libertação. E quanto mais é excepcional a presença que olha para mim, tanto mais fácil é esse juízo que me liberta. Não é preciso fazer grandes esforços: é simplesmente um reconhecimento, que é como o ápice desse juízo que deve se tornar cotidiano no relacionamento com tudo, porque, então, tudo tem sua utilidade.

Então, quando percebemos em nós a experiência de um juízo que liberta? Próximo.

Colocação: *No último encontro, quando você nos lançou essa provocação, ou seja, a de verificar quando fizemos experiência de libertação através de um juízo, imediatamente comecei a me lembrar de fatos concretos em que isso tinha me acontecido. Faço um exemplo. Nas últimas semanas, uma amiga me escreveu uma mensagem dizendo que estava preocupada com um amigo comum, que tinha dito que não estava bem porque se sentia só. Essa pessoa está vivendo um grande drama pessoal e, a necessidade de dar conta de mil exigências familiares unida a um trabalho intenso, fez com que ele não conseguisse mais encontrar os amigos. Imediatamente a preocupação da minha amiga também me envolveu, mas uma série de fatores práticos – a distância física, o acompanhamento dos filhos desse meu amigo unida à sensação de precisar levantar sua moral – fizeram-me sentir impotente e desanimado, privado de qualquer iniciativa, em suma, aprisionado. Depois, esse mesmo amigo, falando em uma Escola de Comunidade, contou como uma amiga sua o fez perceber que sua filha mais velha o olhava com adoração e que, dois dias depois, enquanto ele a ajudava a fazer a tarefa, ela lhe disse: “Papai, amo muito você”. Quando o ouvi contar isso, senti-me comovido, como se aquela menina tivesse dito aquilo para mim, mas era Jesus que o dizia e logo a memória da ternura da qual sou objeto libertou meu coração. E ali entendi, ou talvez fosse melhor dizer que me lembrei, que o meu amigo, mesmo diante de sua necessidade concreta, já era preferido e amado, exatamente como eu, e que portanto a única possibilidade para mim de realmente lhe fazer companhia estava na superabundância de gratidão por aquela ternura recebida, seja a minha como a dele. E dentro desse novo juízo que emergia, improvisamente senti-me livre.*

Carrón: Obrigado.

Colocação: *Li no livro, que uma das coisas mais importantes é o desejo de felicidade do homem. Como o maior desejo que tenho é que minha mulher seja feliz e o meu senso religioso se “limita” a agradecer a Deus todos os dias por ter-me feito encontrá-la, dando-me tudo aquilo que meu coração deseja e respondendo assim à minha necessidade humana, a pergunta é: para você, padre Carrón, que sabe mais sobre Deus do que eu, é a mesma coisa? Porque, se não é, ou devo inventar outra necessidade ou devo fingir que isso não é verdadeiro. Obrigado.*

Carrón: A necessidade é apenas uma, é aquela que o Mistério coloca em nós. A questão é encontrar algo que corresponda.

Colocação: *Quero contar um fato e, depois, fazer uma pergunta. No Natal, descobri que um ex-colega meu da empresa em que trabalhava tinha sido despedido, então eu liguei para ele para perguntar se precisava de alguma coisa, dizendo que eu não poderia dar emprego a ele porque praticamente não tínhamos produção (ele é um diretor de produção). Então, propus que nos encontrássemos. Perguntei como ia a sua família e ele me disse que seis meses depois que eu*

tinha ido embora, seu filho, que parecia completamente curado de uma doença grave, voltou a adoecer e tinha morrido. No mesmo período, sua mulher também ficou doente, e se salvou por pouco. Disse-me que foram momentos terríveis e que passou meses entrando e saindo de hospitais. Essa situação mudou a sua vida e também foi, provavelmente, a origem dos problemas de relacionamento que o levaram a ser despedido. Em suma, eu estava preparado para falar sobre trabalho, mas não sobre uma situação desse tipo. Sinceramente, fiquei em silêncio por um bom tempo sem saber o que dizer. Naquele momento, experimentei uma profunda sensação de injustiça, de algo não realizado por causa daquilo que ele tinha me contado, e não consegui julgar a circunstância.

Carrón: Por que você sentiu uma sensação de injustiça? Explique.

Colocação: *Uma sensação de injustiça porque o que aconteceu com ele, para mim era uma circunstância absolutamente contraditória. E me pareceu que a coisa mais verdadeira que eu podia fazer era falar sobre mim, do que aconteceu nos últimos tempos. No fim, convidei-o para trabalhar conosco por um tempo, para nos ajudar enquanto procurava outro emprego. Hoje, ele ainda trabalha para mim, está muito contente, não sei se vai ficar ou não porque no fim as circunstâncias são o que são. A minha pergunta é essa. Experimentei uma libertação quando falei sobre mim e, depois, sobretudo, quando propus que ele fizesse um caminho comigo, sem tentar julgar aquilo que tinha acontecido a ele com a morte do filho, porque literalmente eu não era capaz. E outras vezes me aconteceu a mesma coisa diante de circunstâncias tão contraditórias como essa. Então, a minha pergunta é: será que em última instância isso não significa evitar um juízo em relação à realidade por causa da maneira como as coisas me acontecem?*

Carrón: De fato, não entendo que experiência de juízo e de libertação você fez. Devemos contar fatos onde fizemos experiência de juízo junto com a libertação. Vocês veem a dificuldade que temos? Primeiro capítulo de *O senso religioso*...

Colocação: *Eu tenho uma pergunta sobre essa dificuldade. Em relação à proposta que você está nos fazendo aconteceram muitas discussões, entre outras coisas, sobre o que está acontecendo na Itália, sobre a situação política do nosso país, também estimuladas pelo editorial do último número de Passos, tentando levar a sério também essa situação. As reações eram muito diferentes, muitos tomavam uma posição, mais ou menos crítica, e fiquei impressionado como, entre os amigos com os quais discutíamos havia diferentes opiniões. Eu também me coloquei, e todas as vezes que discutíamos, procurava entender mais porque uma posição era mais justa que a outra. Depois, lendo esse livro, fiquei impressionado com a insistência sobre o risco de alienação e a importância de um trabalho pessoal que parta das próprias exigências, quando ele fala sobre ascese. Porque, percebi esse risco...*

Carrón: Ou você me conta um fato em que fez um juízo ou se senta, entende?

Colocação: *Mas a pergunta era sobre uma dificuldade.*

Carrón: Então explique qual é a dificuldade.

Colocação: *A dificuldade é que existe o risco de ficarmos sempre parados.*

Carrón: Podemos sempre correr riscos, mas não saímos da dificuldade que você está colocando se não fazemos uma experiência positiva do que é o juízo e por que nos liberta. O que adianta eu explicar a você todos os riscos? Você já os conhece muito bem. Devemos nos ajudar – jovens e não jovens – a testemunhar em que medida aconteceu aquilo que ele diz aqui – que o juízo é uma libertação. Há alguém que tenha algo a contar sobre isso? Pergunto a todos, porque não é possível que em quinze dias não tenham julgado nada. Se não julgamos nada, quer dizer que estamos realmente mal.

Colocação: *Uma noite, eu estava com minha mulher e cometi um erro, brigamos, ela tinha razão. Passei o dia seguinte pensando naquele erro. E sentia um incômodo e uma dor, e via que eu não conseguia ir além, sozinho eu não tinha a capacidade de superar esse erro. Também via*

como ela não estava bem e isso também me feria. Depois, minha mulher veio me encontrar na hora do almoço. Conversamos um pouco, ela tentou entender como era a questão e, depois, à noite, nos encontramos no jantar. Ela me disse: “Rezávamos para que o Senhor tornasse o nosso casamento não óbvio, quer dizer, que não fosse óbvio que eu e você estamos aqui, que entendêssemos a importância para a nossa vida de estarmos juntos. E sinto que esse episódio que nunca quis que acontecesse, na verdade nos ajuda a ir a fundo no nosso relacionamento”. Fui objeto de um olhar que fixou objetivamente aquilo que eu tinha feito, julgou, porém deixou-o de lado, e disse: “Eu desejo estar com você”. Isto é, restituiu-me a mim mesmo. Pude apenas receber esse olhar. Não podia fazer nada para tê-lo, no entanto, foi-me dado. Esse gesto, esse olhar, esse abraço foi uma libertação porque eu reconquistei o meu valor. Agora, sem querer dizer frases muito grandes, porém, é como se o erro tivesse sido colocado em seu lugar, é como se tivesse emergido novamente tudo aquilo que eu quero, isto é, amar a mim mesmo, amá-la, desejar que minha mulher seja feliz. Olhando bem, uma coisa assim não vem nem de mim, nem dela, nem da soma das nossas capacidades, mas é um fruto do sacramento do matrimônio pelo qual um é para o outro sinal de algo a mais que chega e que liberta. Foi exatamente um olhar de libertação.

Carrón: Então, sinteticamente, que experiência você fez? A experiência do olhar dela que carregava um juízo porque correspondia àquilo que você esperava, que o seu coração desejava, que se chama libertação.

Colocação: *Sim.*

Carrón: E o erro é o contrário disso, entende? É um juízo, porque em um caso você fez experiência de não-correspondência, no outro fez a experiência de correspondência. Isto é, fez uma experiência e nas duas ocasiões, chegou a esse juízo. Obrigado.

Colocação: *Neste final de semana voltei à minha cidade natal depois de muitos anos e fui até o colégio onde estudava antes de fazer o encontro. Devo dizer a verdade, é uma fase da minha vida que eu não olhava mais, uma fase bastante confusa dentro de mim e, a certo momento, olhei para esse colégio e voltou em minha mente a imagem que eu tinha dessa época e, de repente, a realidade, pelo que é agora, substituiu a minha imagem, e o juízo que dei foi este: durante muitos anos eu fiquei agarrada a uma imagem, e fiquei ligada a essa imagem sem olhar para a realidade, e não percebi que o Senhor era contemporâneo a mim e vinha ao meu encontro nas circunstâncias que me dava. Agora, é como se essa imagem tivesse sido derrubada e eu me dou conta de como é a realidade, reencontrei a mim mesma, aquilo que era, e o que posso dizer é que a única explicação do porquê isso me aconteceu é: “Tu, Tu me conduziste, me tomaste, me trouxe até aqui e agora Te fazes novamente presente e me tocas, fazes com que eu veja a realidade outra vez”. Eu não sei explicar de outra maneira, porém, é uma experiência de libertação em que o juízo também é um acontecimento, não é simplesmente uma palavra, é uma palavra que descreve o fato que está acontecendo.*

Carrón: Alguém me escreveu: “Relendo as anotações da Escola de Comunidade, num certo momento, como sempre acontece, entrou em mim como que uma confusão. Parecia que eu não compreendia mais nada, mesmo depois de tantos anos de experiência dentro do Movimento. Era como se entendesse apenas intelectualmente, mas sem compreender nem o alcance nem as consequências que aquelas palavras tinham sobre a vida. Num certo momento, li: ‘Com o encontro foi-nos doada a certeza de que somente Ele pode realizar a vida, e a certeza está presente, [...] mas sem a contemporaneidade não nos muda’, e disse a mim mesmo: ‘Como faço para evocar essa contemporaneidade?’, sem ter lido e compreendido a frase seguinte: ‘E essa é uma graça que deve ser pedida e, apesar de nós, acontece quando menos esperamos’. Nesse exato momento recebi uma mensagem dizendo que dois velhos amigos do Movimento da minha cidade natal estavam gravemente doentes e pedindo orações. Imediatamente entendi que aquele era, mais uma vez, o movimento de Cristo que recontecia na minha vida. Inacreditável uma coincidência assim. Pouco depois, peguei o telefone e liguei para eles, com muito receio: o que

eu, uma pessoa saudável, poderia dizer a alguém com uma doença grave? Embora vacilasse, fui surpreendido porque meu amigo, mostrando uma serenidade excepcional, me disse: ‘Não se preocupe, se o Senhor decidiu que me quer com Ele, significa que lá de cima irei rir de todos vocês que ainda continuam aqui pensando nos seus problemas. Tudo o que o Senhor decide é sempre a coisa justa porque Ele nunca erra’. No final do telefonema quase comecei a chorar porque exatamente no momento em que estava confuso e desejava entender melhor [entender existencialmente, não intelectualmente] fui surpreendido por Cristo presente através de uma circunstância que não era alegre. E a certeza de que era Cristo me era dada por aqueles traços inconfundíveis, indizíveis, que só o coração sabe decifrar. Assim, realizou-se aquilo que você dizia: que sem que reaconteça o Acontecimento, o eu não é despertado e não é possível entender nada [isto é, não acontece a libertação]”. Se isso pode acontecer em uma circunstância assim, a questão é: de que maneira isso reacontece constantemente na vida? E percebemos que temos uma dificuldade enorme em relação a isso. O que está acontecendo esta noite me parece um exemplo da dificuldade que temos para fazer uma experiência. É o primeiro capítulo de *O senso religioso*, entendem? Depois de todo o caminho do ano passado, ou nós fazemos esse trabalho ao qual Dom Giussani nos convida (essa ascese para nos libertarmos), ou é impossível. Porque a libertação não acontece apenas quando eu encontro Cristo, mas também na maneira de enfrentar tudo. Porque quando alguém está preocupado porque acha que tem uma doença, e faz todos os exames, o juízo de que a doença não existe é uma libertação. O juízo é a libertação, pois antes estava preocupado. Giussani diz exatamente que só quando a pessoa não julga fica preocupada, e quando julga é libertada. A questão é que nós muitas vezes estamos agitados, vivemos sempre na areia movediça, porque se não chegamos a julgar, se julgar não se torna familiar, estamos sempre confusos. Ou – e essa é a segunda tentação – estamos sempre esperando que alguém, fora da experiência, nos confirme ou nos diga aquilo que não encontramos como confirmação na experiência. Assim, não podemos crescer como adultos, porque sempre nos tornamos necessitados de algum suplemento de certeza que não encontramos na experiência! João e André não precisaram pedir a ninguém fora da experiência para dar a eles o suplemento de certeza que não tinham. A certeza está dentro da experiência do juízo, por isso é o juízo que nos liberta. Amigos, se não fazemos esse percurso, estaremos sempre no “talvez”, no lodo. E assim é difícil construir a vida. Pelo contrário, os juízos devem ser pedras de uma construção, mesmo quando erramos. Porque quando a pessoa erra, se reconhece isso, se dá o juízo, até isso se torna um passo para a verdade: não é isso que corresponde, mas há uma outra coisa que corresponde. Não é que sempre “captamos” a resposta certa, não importa. Quando comecei a fazer esse trabalho, para mim foi decisivo que tudo aquilo que me acontecia, mesmo quando errava, era um caminho para a verdade: o caminho para a verdade é uma experiência. Quando estudamos matemática, quantas vezes um erro se tornou decisivo para não esquecer mais uma coisa? Essa foi uma parte do caminho para chegar à certeza na matemática, porque aprendemos aquilo para sempre. Por isso, é impossível que, se vivemos como homens, cada um de nós hoje não traga aqui quinze experiências disso... Isso quer dizer que ainda há muito trabalho a fazer.

Colocação: *Vou tentar dar um exemplo contando uma experiência muito simples, me parece que hoje você distinguiu a experiência cotidiana da experiência do encontro com Cristo.*

Carrón: O que quero dizer é que não só acontece quando faço experiência da correspondência com Cristo, mas que em qualquer circunstância eu posso julgar. Porque muitas vezes na vida estamos presos porque não julgamos as coisas habituais.

Colocação: *E é um fato que, digamos, em si é bastante banal, mas tornou-se significativo porque eu tinha participado de um encontro de universitários em que ouvi falar da realidade de uma maneira que me tocou muito e abriu bastante a minha mente, no sentido de que – me perdoe se empobreço um pouco aquilo que você disse naquele encontro – me parece que você observou um ponto de fraqueza em nós quando pensamos que as coisas concretas são aquelas que estão nas consequências enquanto que olhando com verdade para a nossa experiência, o*

que é realmente concreto é aquilo que nos move e depois nos permite chegar até as consequências. De qualquer forma, o fato é este: nas últimas semanas participei ativamente do trabalho de reforma da universidade, aquele que provocou muita confusão e muito tumulto no outono, e é um trabalho que eu não gosto de fazer. Depois de ter evitado todas as tarefas administrativas nesses vinte anos de serviço à universidade, dessa vez estava diante de uma situação em que não podia dizer não. A minha antipatia instintiva por esse tipo de trabalho confirmou-se depois da primeira reunião: o programa é realmente pesado, nos próximos meses, toda segunda-feira à tarde teremos cinco ou seis horas de reuniões um pouco inconcludentes, mas sobretudo a sensação ruim é que essa grande aparente revolução em andamento, pelo menos foi assim que os jornais a chamaram, provavelmente não levará a nada, porque a impressão de todos é que há um tendência a manter o que já existe. Então, uma tarde, pedi ajuda a um de nossos pesquisadores do assunto e nos encontramos com alguns jovens para discutir um pouco, para entender algo dessa circunstância complexa. E o que foi significativo para mim naquele encontro foi que naquele momento, com aqueles jovens, naquela tarde, e também nos dias seguintes – porque o trabalho continua –, era possível perceber uma clareza de juízo sobre as dificuldades que nos esperavam, que é o início de uma operosidade interessante e ousado dizer, em alguns momentos, agradável. Para mim, essa é uma coisa absolutamente nova e correspondente. Eu tenho a impressão de que aquele fato, aquele juízo que você deu sobre o que é concreto e o que é abstrato, tem muito a ver com essa possibilidade de experimentar um gosto em um trabalho que aparentemente não dá nenhuma satisfação. O juízo – “Olhem que não é concreto aquilo que parte das consequências, mas aquilo que move o eu” –, antes de mais nada, corrige a minha percepção da realidade, porque muitas vezes eu tenho uma percepção muito pobre do que é a realidade e, no final, é enganosa, isto é, tenho um modo de olhar a realidade que é como um pragmatismo, é a antecâmara do ceticismo, porque é como reduzir a realidade à sua aparência e no fim, fatalmente irá desiludir. Então, para mim, ter a consciência do que é realmente a realidade, concreta, me libertou e teve um efeito paradoxal, que eu consigo estar diante das consequências práticas com todas as minhas energias, sem esperar o que aquilo não pode me dar, com aquela posição tranquila e construtiva que você acenava também na apresentação no Palasharp.

Carrón: O que é a realidade? É isso que coloca em movimento toda a potência do eu. E é o que nos permite enfrentar tudo o que precisamos enfrentar. Se, ao contrário, reduzimos o real somente às consequências, ficamos sufocados.

Colocação: Recentemente, nos encontramos com um grupo de advogados especialistas em Direito da Família e dois magistrados (e naturalmente não é fácil que os advogados e os magistrados consigam trabalhar juntos...) para ler uma palestra que você fez sobre a família (Julián Carrón, A transmissão da fé na família, Valência, 4-7 de julho, em www.passos-cl.com.br) ou, melhor, aquele texto que você tornou público sobre a dinâmica do senso religioso dentro da experiência amorosa: como, se não é corretamente impostada, isso leva à falência da relação amorosa, e, conseqüentemente, do casamento. Esse trabalho nasceu exatamente de uma necessidade de refletir sobre a origem da intolerância que leva às separações, porque trabalhamos com algo muito delicado. Ninguém reflete sobre a origem da intolerância, portanto, quando aquele texto que você escreveu, que é de uma lucidez muito grande, caiu em nossas mãos ficamos entusiasmados porque você diz que a origem da dificuldade do casal nasce do fato de que o homem perdeu o sentido de si, isto é, o homem não faz mais a pergunta fundamental.

Carrón: Sem ter a consciência das exigências e das evidências elementares do homem, não é possível entender qual é o critério de juízo.

Colocação: Conseqüentemente, na dinâmica do relacionamento nascem as pretensões, porque achamos que o outro pode satisfazer a nossa felicidade, isto é, aquilo que somos. E é evidente que isso, por natureza, não é possível, porque você é um ser tão limitado quanto eu, seria como

se eu tivesse a pretensão de dizer que posso ser a sua felicidade, é uma loucura. Mas, se na relação do casal perde-se a origem – a pergunta fundamental sobre o homem – as expectativas são derrubadas e se tornam desilusão, necessariamente tornam-se desilusão e, a certo ponto, levam a dizer: “Você não me corresponde mais, então lhe deixo”. Assim, instala-se o mecanismo da destruição das famílias.

Carrón: Apenas porque não fez nenhuma tentativa de juízo, porque tudo foi impostado sobre uma aparente verdade que o tempo demonstra que não é verdadeira. Se não entendo qual é a exigência elementar do homem, eu espero a correspondência do outro. E isso gera uma pretensão que é a origem da violência. Tudo isso por quê? Simplesmente porque nós não julgamos, porque se nós julgássemos, logo entenderíamos que eu não posso pretender do outro aquilo que o outro não pode me dar, e então se abriria o espaço para tentar uma solução adequada à natureza do outro. Porque senão eu “massacro” o outro em nome do amor que tenho por ele. A falta de julgamento acaba levando a consequências nefastas. Esse é um exemplo, entre tantos que podemos fazer na vida cotidiana, de como a falta de verdade nos leva a muitos dos incômodos e das dificuldades que temos na vida. Isso nos interessa. Giussani diz que a pessoa começa a ser libertada a partir do juízo (“O outro não é capaz de responder a todo o meu desejo de felicidade e, portanto, não posso imputar-lhe uma culpa”).

Colocação: *Olha que é uma tragédia verdadeira, porque as famílias acabam por causa disso, os relacionamentos acabam por causa disso, nós vemos isso no nosso trabalho.*

Carrón: Bastaria julgar segundo aquilo que nos dizemos aqui. Isso nos parece abstrato em relação ao problema concreto que seria a outra pessoa: “A verdade do meu eu é abstrata, a pessoa que desperta em mim o sentimento de bem é concreta”. Ao contrário, o seu eu é a coisa mais concreta porque está atrás de toda a pretensão e expectativa absolutamente impossível de se realizar através do outro.

Colocação: *Então aconteceu o seguinte: terminamos de ler e uma colega, uma mulher madura, não uma juvenzinha, com uma experiência familiar muito difícil, separada, com uma filha, de repente diz: “Isso é um soco no meu estômago, antes mesmo de ser um instrumento que eu posso utilizar para tentar dar um juízo que ajude os meus clientes. O que está escrito aqui descreve porque eu fiz tudo errado na vida”. Dois dias atrás, eu a encontrei por acaso, um encontro muito rápido, de poucos minutos, e lhe disse: “Então, o que você pensou sobre aquilo que lemos? Pensei muito em você por causa da sua reação”. E ela respondeu: “Você não tem ideia de quantas vezes li e reli aquele artigo [e, portanto, aquele juízo que você dá], porque eu nunca ouvi isso antes”. E continuou: “Descreve a razão pela qual eu fiz tudo errado na vida. Você sabe como é meu temperamento. Peguei o artigo, dei a todos os meus amigos e sugeri que o lessem, e foi um alvoroço, no sentido que todos começaram a me telefonar e dizer: ‘Onde você encontrou isso? Nunca lemos algo do gênero’.”.*

Carrón: O que eu fiz? Sou um especialista em casamentos? Não, eu li *O senso religioso*. Vocês se dão conta do potencial que Dom Giussani colocou em nossas mãos? Eu não fiz um curso sobre casamentos para fazer isso, simplesmente julguei a partir da experiência que o livro descreve. Essa é a inteligência da fé que se torna inteligência da realidade. E quando uma pessoa a encontra fica maravilhada com isso. Se fizermos esse caminho, nós podemos dar uma contribuição sobre cada coisa, porque isso se torna um juízo cultural, uma maneira de estar na realidade a partir de uma experiência julgada.

Colocação: *Ela me disse: “Há alguns dias fui ao lago com uma amiga. Sentamos num banquinho e lemos o texto, eu o li para ela [a amiga dela é uma jornalista com uma história muito difícil, separada, com filhos, mas com um raciocínio muito hábil]. Quando terminei de lê-lo ela estava surpresa, e me disse: Nunca li uma coisa assim, onde você encontrou isso?”. Depois de dois dias telefonou para ela e disse: “Olha, eu li muitas vezes aquela trecho sobre o sinal [e ela começou explicar a natureza do relacionamento que é o sinal, ela destacou essa passagem, isso me deixou sem palavras] e precisamos panfletá-lo em todas as praças”. Depois, um amigo ligou para ela dizendo quase a mesma coisa. Portanto, é um exemplo do que é a*

experiência em ato com um juízo que é usado para ler a realidade. Isso é pertinente também nas circunstâncias concretas, não é de modo algum abstrato.

Carrón: É isso. Essa é a promessa. Como dizia Giussani: “A minha vida conheceu a letícia nessas condições”, com essa capacidade de julgar. Isso é para nós. Se fizermos esse caminho, nós também podemos gozar dessa letícia.

Para o próximo encontro, deixo a mesma pergunta sobre a razão. Não pensem que resolvemos a questão da experiência, vamos deixá-la em aberto porque, como vocês veem, a prova não foi muito brilhante! Digo isso porque se esta semana alguém fizer a experiência e nos ajudar no próximo encontro, pode se colocar sempre. A questão é que agora o segundo grande capítulo é a razoabilidade e a pergunta se torna: quando nos surpreendemos usando verdadeiramente a razão, isto é, como consciência da realidade segundo todos os seus fatores, e quando percebemos a razoabilidade no nosso modo de agir? São duas coisas ligadas, mas diferentes. Por isso, peço que vocês trabalhem intensamente sobre o texto, porque se lermos esse capítulo com a urgência de perceber na experiência aquilo que Giussani nos testemunha, então é diferente. Se tivesse perguntado o que é a experiência, acho que todos teriam dado a resposta certa. Testemunhar tê-la feito é uma coisa diferente, como vimos.

AVISOS:

Livro do Mês:

O livro do mês é uma ferramenta simples que oferecemos para nos educar à leitura, e é outra maneira para encontrar, por meio da riqueza de expressão, o testemunho de pessoas que levam a sério o caminho ao destino da própria vida.

Indicação: *Luz do mundo. O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos*. Uma conversa com Peter Seewald, de Bento XVI.

Como escreveu Prades apresentando o livro: “Antes de quaisquer palavras, no livro impõe-se a própria presença do Papa, a sua humanidade”. De fato, no livro emerge o testemunho de um homem que não tem medo de nada e não precisa defender nada, mas que, a partir da fé, tem interesse por tudo e em cada questão busca a verdade.

- *Glória*